



Liberdade para quem? Um estudo em casas brasileiras de swinging

Freedom for Whom? A Study in Brazilian Swinging Houses

¿Libertad para quién? Un estudio sobre las casas de intercambio de parejas brasileñas

 <https://doi.org/10.48162/rev.48.071>

Luiz Alex Silva Saraiva

Universidad Federal de Minas Gerais
Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>

saraiva@face.ufmg.br

Elisângela de Jesus Furtado da Silva

Fundación Dom Cabral
Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-0730-5160>

elisangelafurtado23@gmail.com

Resumo

Neste artigo a proposta é discutir a propagação da liberdade sexual na prática do swinging. Para isso, foi levada a cabo uma etnografia em duas casas de swinging da cidade de Belo Horizonte, Brasil. As principais contribuições do trabalho se dão em dois sentidos: primeiro, humanizar as práticas de pesquisa, no que a etnografia tem um papel central, à medida que permite que a imersão no contexto e o contato com as pessoas mostre aos pesquisadores que seu papel é menos o de julgar a vida alheia do que o de procurar compreendê-la dentro das diferenças humanas. E segundo, quanto à liberdade apregoada, ela não é tão plena quanto proposto, sendo diferente entre mulheres, que se submetem à situação, reproduzindo o que vivem em sociedade, e os homens, que dirigem e controlam todo o processo, tal como lhes permite o patriarcado sob o qual todos vivemos.

Palavras-chave: Swinging. Casas de swinging. Práticas sexuais. Sexualidade.

Abstract

In this article the proposal is to discuss the propagated sexual freedom in the practice of swinging. For this, an ethnography was carried out in two swinging houses in the city of Belo Horizonte, Brazil. The main contributions of this work are twofold: first, to humanize research practices, in which ethnography plays a central role, as it allows immersion in the context and contact with people to show researchers that their role is less to judge other people's lives than to try to understand them within human differences. And second, as for the freedom proclaimed, it is not as full as proposed, being different between women, who submit themselves to the situation, reproducing what they live in society, and men, who direct and control the whole process, as allowed to them by the patriarchy under which we all live.

Keywords: Swinging. Swinging houses. Sexual practices. Sexuality.

Resumen

En este artículo la propuesta es discutir la propagada libertad sexual en la práctica del swinging. Para ello, se realizó una etnografía en dos casas de intercambio de parejas en la ciudad de Belo Horizonte, Brasil. Las principales contribuciones del trabajo van en dos direcciones: en primer lugar, la humanización de las prácticas de investigación, en la que la etnografía desempeña un papel central, ya que permite la inmersión en el contexto y el contacto con la gente para mostrar a los investigadores que su papel es menos juzgar la vida de los demás que tratar de entenderlos dentro de las diferencias humanas. Y en segundo lugar, en cuanto a la libertad proclamada, no es tan plena como se propone, siendo diferente entre las mujeres, que se someten a la situación, reproduciendo lo que viven en la sociedad, y los hombres, que dirigen y controlan todo el proceso, como permite el patriarcado bajo el que todos vivimos.

Palabras clave: Swinging. Casas de intercambio de parejas. Prácticas sexuales. Sexualidad.

1. Introdução

“Eu me olho mais uma vez pelo retrovisor do carro e faço uma avaliação rápida, me perguntando se estarei vestida como as pessoas que encontrarei em instantes. Respiro fundo, e finalmente abro a porta do carro, rumo a um mundo para mim desconhecido”. Essa pequena cena poderia descrever centenas de ocasiões em que uma pessoa se depara com um grupo que lhe é estranho, mas ela faz parte de um cenário particular de práticas sociais. Neste artigo a proposta é discutir a propagada liberdade sexual na prática do *swinging* – ou “sexo comarital” (Westheimer, 2004, p. 676) – “em que casais heterossexuais estáveis mantêm relações sexuais com outros casais ou pessoas solteiras, com o total consentimento do parceiro” (Silvério, 2014a, p. 552). Para tanto, nos valem de uma etnografia, levada a cabo por meio de 25 visitas a casas de adeptos da prática localizadas na cidade de Belo Horizonte, Brasil. Entendemos que se trata de uma

investigação complexa, e que encerra muitos desafios, entre os quais o próprio processo de produção de dados válidos do ponto de vista científico.

Atentos às observações de Corrêa, Petchesky e Parker (2008) quanto a estudar a sexualidade humana, esta investigação envolve uma série de questões que atestam a sua complexidade do ponto de vista metodológico, o que exploraremos nesse primeiro momento para depois procedermos à apresentação da descrição densa do tema. Como etnografia não equivale a uma mera descrição há questões que guiaram nossa reflexividade sobre a temática e que merecem ser destacadas. Em primeiro lugar, sendo o *swinging* uma prática sexual *underground*, não se trata de algo que se assuma explicitamente, razão pela qual nenhuma pessoa descrita aqui foi identificada com seu nome verdadeiro. Isso leva a que ela ocorra em ambientes domésticos ou, em alguns casos, em ambientes comerciais bastante discretos, para os quais adotamos nomes fictícios. Ela envolve que casais, em diferentes níveis, consintam que o parceiro observe, seduza e se envolva sexualmente com outras pessoas, que também estão em duplas. Pode acontecer de apenas se observar outras pessoas fazerem sexo, na posição de *voyeur*, de os casais terem relações sexuais com outros parceiros sem penetração (*soft swap*) ou com penetração (*full swap*), fazerem sexo juntos com troca de parceiros, que o parceiro assista à parceira fazendo sexo com outro homem ou com outra mulher, mas não há casos de bissexualidade masculina, confirmando Diniz (2020), sobre o que falaremos em outro momento. Trata-se de um fenômeno complexo, uma vez que, de acordo com Diniz (2020, p. 319), os praticantes se consideram “amorosamente monogâmicos e sexualmente não monogâmicos – um rompimento com a construção cristã de casamento”. Devides (2020, p. 262) descreve que alguns de seus entrevistados relataram “sentir ciúmes fora do contexto do *swinging* e não dentro, pois nesse ambiente eles conseguem transformar receio, medo e insegurança, sentimentos que foram ensinados como negativos para uma relação, em algo positivo, como fonte de prazer e excitação”.

Um segundo nível de reflexividade metodológica se refere à ética. Sobre isso, nos primeiros momentos, uma frase ouvida é esclarecedora: “Pesquisadora, é? Sei...”. Essa frase encerra não apenas uma descrença da interlocutora quanto ao objetivo da presença ali, uma vez que o ingresso para a entrada tem valor elevado, trajada de acordo com o que pensava ser aceitável para as pessoas que ali estavam, quanto às dificuldades de realizar procedimentos clássicos de pesquisa, como

entrevistas. O ambiente era particularmente erotizado, como será descrito adiante, e povoado por *swingers*, como são chamados os praticantes do *swinging*. Assim, não apenas era um lugar para “iniciados”, mas um lugar em que se estava basicamente para observar, flertar e fazer sexo. Nesse ambiente, ficou claro que os convencionais esclarecimentos éticos de pesquisa seriam inapropriados. A descrição que será feita aqui, assim, cumpre o duplo papel de procurar retratar as situações presenciadas naquele contexto da forma mais detalhada possível, uma vez que não foi possível sentir condições de realização de outros procedimentos metodológicos. As condições que qualificam este estudo do ponto de vista científico, assim, residem nos cuidados com o tratamento dos dados, de maneira a não expor as identidades das pessoas com quem interagimos e, ao mesmo tempo, de procurar evitar julgamentos morais a respeito das práticas levadas a cabo por essas pessoas.

Um terceiro ponto se refere aos nossos próprios limites enquanto pesquisadores. Embora este artigo seja escrito por dois pesquisadores o que definitivamente faz com que haja um “nós”, a coleta de dados foi feita por apenas um deles, razão pela qual os depoimentos são redigidos em primeira pessoa, que falará a partir de um “eu”, de maneira a conferir maior fidedignidade e evitar os problemas apontados por Okami (2002) no uso de diários de campo. Embora a etnografia seja, a rigor, colaborativa uma vez que ela se insere em um fluxo coletivo de produção de conhecimento e se concretiza em meio a relações sociais (Lassiter¹, 2005), o formato convencional é associado a uma perspectiva individual de investigação e de redação, o que não foi o caso desta pesquisa. O estudo foi conduzido por dois pesquisadores, de perfis distintos e complementares: um homem de meia idade, branco, casado, professor universitário familiarizado com pesquisas associadas ao universo da diversidade, e uma mulher de meia idade, negra, casada, estudante de doutorado, em processo de formação para lidar com essas temáticas. A assimetria entre os membros da equipe, nos termos de Clerke e Hopwood (2014) foram interessantes na produção de complementaridades quanto ao trabalho etnográfico. As trajetórias, o repertório de conhecimento e o tipo de participação diferenciada

¹ O referido autor propõe o reposicionamento de participantes de pesquisas etnográficas, em uma posição crítica ao reducionismo derivado da operação metodológica. Ele faz um mapeamento histórico da prática em estudos feministas, antropologia crítica até a etnografia crítica e o resultado é a posição de processo de co-construção dos textos. Esse estudo dialoga com Lassiter (2005) na ideia de textos construídos sob ideal colaborativo, o que não implica adoção irrestrita a uma técnica, dadas as especificidades do campo e da pesquisa.

de cada pesquisador conferiu ao estudo a possibilidade de explorar aspectos que em conjunto, abarcam o fenômeno de forma rica e densa, tanto do ponto de vista descritivo, quanto analítico. A coautora desempenhou o papel de realização das visitas, construção das notas de campo além da contribuição na pesquisa e redação dos tópicos teóricos, descritos e da análise.

Na etnografia colaborativa, a colaboração pode se apresentar de muitas formas, pressupondo que uma equipe se responsabiliza pela investigação de forma conjunta. Nesta pesquisa, mesmo nos momentos do campo nas casas de *swinging* em que só havia um de nós, o trabalho ainda assim foi coletivo. Mesmo na coleta de dados havia coletividade no sentido de o pesquisador estar munido de discussões prévias a respeito das posições a serem tomadas em campo. Mesmo cientes de que em etnografias o campo é mais importante do que o planejamento da pesquisa propriamente dito, e que isso limita qualquer tipo de preparação para as situações reais, entendemos que a interação entre os pesquisadores foi importante para fornecer parâmetros coletivamente válidos para que o trabalho etnográfico pudesse ser conduzido com mais tranquilidade. Como desdobramento do processo descrito, não é possível criar distinção de papéis rigidamente distintos entre as práticas de observação e pesquisa, pois estão intimamente ligadas no que se refere à produção do conhecimento.

Esta pesquisadora que frequentou as casas de *swinging* é mulher, mãe, negra e na ocasião era casada há 12 anos. Ela fez seis das visitas acompanhada de amigos e 19 outras do seu próprio companheiro, não tendo sido abordada quando estava com seu parceiro. Mas quando acompanhava amigos, ela recebeu uma pulseira de cor verde fluorescente, que indicava estar desacompanhada. Apesar de saber que as casas permitem uma quantidade muito reduzida de homens desacompanhados, nenhum deles portava uma pulseira semelhante. Para muitos dos homens ali presentes, a pulseira servia como uma espécie de encorajamento para que a tocassem, sugerindo assimetrias sociais e simbólicas expressivas entre homens e mulheres naquele ambiente, o que será descrito e analisado em outro momento.

Outra questão evidenciada foi a obtenção de informações. Embora as pessoas se aproximassem em um primeiro momento possivelmente por conta de interesse sexual, assim que explicava a condição de pesquisadora – explicitada para todas as pessoas que se aproximavam – lidava com duas situações: um primeiro grupo se afastava imediatamente em prol da preservação da sua privacidade, ao passo

que para pessoas de outro grupo, ao saber que se tratava de uma pesquisa, isso parecia soar como uma espécie de reforço do seu estilo de vida. Entre os que se afastaram e os que se mantiveram próximos, o estudo foi realizado por meio de observação direta *in loco* de diversas situações envolvendo os *swingers*. Não obstante o ambiente ser convidativo para práticas do sexo, a pesquisadora não teve que manter contato íntimo com quem quer que fosse para a obtenção de informações para a pesquisa. Entre as opções possíveis naquele contexto, a pesquisadora se valeu da condição de observadora, de *voyeur*², que lhe permitiu transitar livremente para observar a dinâmica do ambiente, uma vez que estar na casa não implica praticar sexo ou ficar nu. Proporcionalmente, aliás, o número de pessoas que somente observa é muito maior do que aqueles que se exibem, algo contra-intuitivo ao senso comum da pesquisadora.

Esses pontos de reflexividade se fizeram presentes durante toda a pesquisa. Assim que a pesquisadora chegava em casa de um desses encontros, se punha a descrever detalhadamente em um diário de campo tudo o que lhe parecia de mais importante que havia acontecido naquelas incursões. Os relatos iniciais eram extremamente detalhados, particularmente diante do choque que ela experimentava, por ter tido uma educação cristã convencional e estar um relacionamento monogâmico, e se deparar em ambientes nos quais as convenções quanto ao sexo são minimizadas. À medida que a pesquisadora se familiarizou com o ambiente, os relatos foram se tornando menos detalhados quanto a aspectos morais, e mais específicos quanto a sentimentos e sensações relacionados a ser mulher e estar ali. Isso permitiu que diversos aspectos fossem observados e descritos, o que será apresentado a seguir, mais ou menos na sequência em que ela foi ingressando naquele contexto.

2. O mundo do *swinging*

Não era de hoje que a sexualidade me incomodava enquanto possibilidade de pesquisa, e quando pude perceber que ela era uma temática séria, qualificada do ponto de vista acadêmico, não tive dúvidas de que faria meu trabalho sobre o

² No universo *swinging*, esse termo indica uma prática de observação. Muitas pessoas sentem prazer em observar outras durante o ato sexual, algo conhecido como *voyeurismo*. Respeitando-se a dinâmica do próprio ambiente, a observação das práticas não esteve condicionada a conversa entre os praticantes. Entre aqueles que se dispuseram a compartilhar suas vivências, não houve exigências adicionais, além da preservação da identidade.

universo do *swinging*. Como mãe e mulher casada em um relacionamento monogâmico, me questionava sobre o que levava a pessoas “trocarem” seu parceiro por desconhecidos para “apimentar” a relação. Tinha uma série de preconceitos sobre como seriam tais pessoas e suas vidas, e achava que essa era uma oportunidade para, ao meu aproximar, poder conhecer melhor essa perspectiva.

Em um primeiro momento, fiz uma ampla pesquisa sobre o tema. Apesar de considerada uma prática estatisticamente insignificante no famoso relatório Kinsey (Salem, 2011), de acordo com Escamila (2015), historicamente não é difícil encontrar sociedades que tenham defendido múltiplos parceiros sexuais. Nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, a taxa de mortalidade entre pilotos da Força Aérea foi relativamente alta. Terry Gould em seu estudo intitulado “*Estilo de vida: um olhar sobre a erotic rites of swingers*”, observou uma estreita relação em uma comunidade de pilotos, de modo que os maridos protegiam e cuidavam de todas as mulheres, como suas, tanto emocionalmente quanto sexualmente, quando os maridos estavam ausentes ou perdidos. Após o término da guerra na Coreia, esses grupos se espalharam das bases aéreas para locais próximos, e levaram consigo o fenômeno denominado “troca de esposas”. A partir de então se desenvolveram várias formas de se trocar de casal. Um dos primeiros registros da organização de um *swinger* foi “A liga da liberdade sexual”, criada na Califórnia, em 1963.

Em termos históricos, a prática pode ser associada aos estudos de Kinsey, Pomeroy e Martin (1948; 1953) que analisaram 5300 homens por 15 anos e 6000 mulheres, interessados em padrões sexuais. Por meio desses estudos verificou-se que cerca de metade dos homens e um quarto das mulheres que participaram das pesquisas tiveram algum tipo de caso extraconjugal. Entre esses, há aqueles que mantêm relações em segredo, considerada infidelidade (Scheeren, Apellánis & Wagner, 2018), e que não se confunde com o fenômeno em destaque nesse estudo e outros que desejavam e consentiam a troca de parceiros. Ao observar o sexo grupal por 2 anos e por meio de entrevistas, o termo *swinging* compareceu em Bartell (1970), como atividade sexual acordada entre casais com pelo menos um outro indivíduo. De modo semelhante, Cole e Spaniard (1974) analisaram os reflexos de relações extraconjugais para casais e realçaram o *swinging* como relacionamento sexual de casais com terceiros, de forma conhecida e acordada.

Buunk e van Driel (1989) definiram a atividade como troca de parceiros exclusivamente para práticas sexuais por pessoas casadas, muito embora solteiros pudessem participar. Silvério (2014a) adiciona um importante elemento conceitual, realçando que a prática ocorre entre casais heterossexuais, com o consentimento e a companhia do parceiro.

Bartell (1970) observou um forte crescimento e indícios de organização da prática ligadas as formas de acessar parceiros interessados. A primeira forma seria a divulgação de anúncio em revistas ou tabloides do segmento sexual. Também há a possibilidade de confraternização entre casais *swingers*, em bares ou casas. Em terceiro, a troca de contatos entre casais, formando uma rede crescente de pessoas que indicam e são indicadas. Por fim, ele identificou o recrutamento pessoal, no qual o casal ou terceiro seduzem e criam a condição para a prática. Em termos de organizações, ele menciona a existência de uma rede composta por revistas, bares e motéis receptivos à prática e que era usada pelos casais na promoção de novos encontros.

O surgimento de estabelecimentos exclusivamente voltados para a prática de *swinging* não é descrito de forma precisa na literatura. Contudo, considerando as informações de Terry Gould e Bartell (1970), é possível inferir um período. Os primeiros relatos indicam o período pós Segunda Guerra Mundial. Em Bartell (1970) é possível perceber a formação de atividades comerciais em torno do *swinging*. Ele relatou que alguns casais criaram clubes com assinaturas mensais e que ocasionalmente alugavam espaços para realizar eventos entre a comunidade.

Na década de 1990 o *swinging* tinha se tornado uma atividade bastante organizada em ambos os lados do Atlântico. Muitos clubes cujos objetivos eram colocar *swingers* em contato uns com os outros já existiam por mais de meia década e houve vários que ofereciam inclusive instalações onde não só poderia haver relações, mas também conhecer novos parceiros. Na Grã-Bretanha, clubes como www.club-aphrodite.com criaram redes nacionais de *swingers* para os seus membros pudessem participar de todo o país. Ao contrário da experiência de quem tentou criar clubes semelhantes na Grã-Bretanha, países como Holanda e Alemanha tiveram o apoio das autoridades locais e operam totalmente dentro do sistema legal.

O nascimento e o rápido desenvolvimento da internet abriram novas possibilidades para *swingers* no século XXI (Carroll, 2010). Sites de namoro *swinger* ainda eram

uma raridade até 2003, mas isso mudou rapidamente. Apesar dessa proliferação de oportunidades para *swingers* e as instalações *hi-tech* possibilitarem o encontro de pessoas afins, a quantidade de adeptos cresce relativamente devagar. A razão mais provável para isso parece ser que esse estilo de vida é algo que muitas pessoas podem achar atraente no nível da fantasia, mas se sentem coibidos quando são convidados a experimentar suas “ilhas da fantasia” (Woods, 1995). Em 2008, esse fator marcou muitas comunidades *online*, pois havia muitos interessados em fantasia e poucos *swingers* legítimos.

Von der Weid (2010) define *swinging* como adultério consentido. De acordo com a pesquisa realizada pela autora, a prática pode refletir o ideal de conjugabilidade contemporâneo. Ela se embasa em Bauman para compreender a fluidez das relações, incluindo-se aí as afetivo-conjugais. A fluidez estaria nas novas formas de interpretar a união conjugal, não mais pautada na monogamia. Entre seus achados, ela compreende que *swingers* possuem práticas marcadas pela poligamia sexual e monogamia amorosa. Ao longo de seu estudo, por diversas vezes aborda a infidelidade além do adultério, usado como parte do título da obra.

Silvério (2014a), em um estudo realizado em Portugal com casais, também buscou compreender o universo *swinger* partindo das noções compartilhadas de monogamia, infidelidade e ciúmes. O ponto de intercessão entre ela e von der Weid (2010) é a distinção entre monogamia amorosa e poligamia sexual. Em sua análise antropológica, ressalta que há mais aspectos positivos ligados à prática *swinger* do que negativos, seja para o casal ou para os indivíduos. Ela observou ambiguidades entre os relatos, em que o lema “onde tudo é permitido e nada é obrigatório” esconde o predomínio da heteronormatividade liberal. Apesar de von der Weid (2010) e Silvério (2014a) apontarem o *swinging* como nova possibilidade conjugal, baseada na poligamia sexual, não se pode considerar que esse aspecto seja propriamente uma inovação, havendo autores como Herzog (2011, p. 205) que o analisam como um fenômeno “entre a liberalidade romântica e os novos conservadorismos”.

Para que se tenha uma ideia das dimensões do fenômeno, Bergstrand e Williams (2000) dizem que a *The North American Swinging Club Association* (NASCA) tem clubes de *swinging* em quase todos os estados norte-americanos e ainda no Japão, Canadá, Inglaterra, Alemanha e França. Os autores prosseguem, dizendo que há uma convenção anual (*Annual U.S. Swinger Lifestyle Convention*) que é frequentada

por milhares de *swingers* de todo o mundo. Viwatpanich (2010) também investigou o fenômeno na sociedade tailandesa, mostrando que se trata de algo disseminado no mundo.

É possível perceber que se trata de um fenômeno amplamente difundido. Porém, é possível observar que a prática apresenta distinções importantes. Uma delas é que sua ocorrência pode ser tanto em espaços domésticos quanto em organizações coletivas privadas (Bartell, 1970; Buunk & van Drie, 1989; von der Weid, 2010; Silvério, 2014a; 2014b), e por fim, as práticas desenvolvidas em estabelecimentos exclusivamente voltadas para o swinging (von der Weid, 2010, Silvério, 2014a; 2014b), sendo essa última a forma observada nesse estudo.

3. Aprendendo sobre as casas de *swing* e sua dinâmica

De posse dessas informações iniciais, achei que já estava suficientemente preparada, e me pus a negociar a minha ida a uma dessas casas de swing. Primeiro identifiquei alguns desses estabelecimentos em uma pesquisa rápida na internet, e depois, após consultar alguns comentários, selecionei duas casas que me pareciam mais interessantes. Ao chegar nesses ambientes, chamou a minha atenção a relação entre espaço e sexualidade, apontada por Knopp (1995) e Colomina (1992): cada casa era disposta espacialmente de uma forma a favorecer a atividade sexual, mas cada uma a seu modo, de acordo com nuances associadas ao perfil do seu público. Em curso era visível um estímulo a que as pessoas se libertassem, um intrincado processo de condução e controle dos corpos, conforme discutido por Fassin e Memmi (2004), e fortemente permeado pela orientação de consumir a sexualidade, nos termos de Weeks (1985).

A *Liberté* é localizada em um bairro de classe média na região da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte, Brasil. Possui pista de dança, palco para apresentações, ambiente de convivência com mesas e cadeiras, além de um bar. O ambiente de convivência fica no centro dos lugares dedicados às relações sexuais. Existem salas privadas nas quais é possível estar sem a participação de outras pessoas não desejadas. Ao lado, há um espaço dedicado à exibição de filmes pornográficos, enquanto alguns se masturbam. Na sequência, há uma sala ampla, chamada de Sala Erótica, iluminada e que contém um estofado que a circunda completamente. Nesse lugar alguns se aventuram a ficar parcialmente nus e se tocarem. Ao lado há o labirinto, o lugar mais intenso da casa. O labirinto é um corredor estreito e escuro,

com paredes pretas e luz amarelada e rarefeita, e que confere acesso a diversos ambientes pequenos, os *dark rooms*. O acesso é controlado por um segurança, cuja entrada somente é liberada para casais. O primeiro deles é um quarto com cama coletiva. Seguindo pelo labirinto, há diversos espaços pequenos, uma espécie de quarto, em que a porta pode ser fechada por dentro, mas que parte dela é composta por vidro, o que possibilita a observação de quem está do lado de fora e geralmente é usada por casais em experiência de troca. Ainda no labirinto há uma sala maior, sem porta e igualmente pobre em luz. O final do labirinto é limitado por uma porta que leva à pista de dança.

Na mesma região da cidade, a *Échange* tem uma fachada surpreendentemente imponente, uma vez que ocupa um casarão tradicional em um dos bairros de maior poder aquisitivo. Grades indicam o limite da casa para a avenida, e logo no portão há um segurança para verificar a conformidade dos frequentadores às normas da casa. Logo após a recepção, uma escada leva tanto aos banheiros quanto ao primeiro ambiente, um pequeno espaço dedicado a apresentações musicais, um bar com mesas e cadeiras. Ainda no primeiro andar, também há um local dedicado às *performances* interativas de *strippers* ou *porn stars*. No segundo andar há diversos quartos, todos sem porta, alguns com cama coletiva outros não. São ambientes muito escuros, o que chega a ser um problema para algumas mulheres de salto alto após ingerirem bebidas. O terceiro e último andar da casa é amplo e possui uma cama coletiva imensa ao centro, em que algumas pessoas se exibem tirando a roupa ou fazendo sexo. Em sua volta, existem espaços divididos somente por cortinas nas quais as pessoas também interagem. Nesse andar a sensação de liberdade é intensificada, já que nele há enormes janelas por meio das quais é possível visualizar a paisagem natural. Algumas pessoas, inclusive, se apoiam nas janelas durante as práticas, quase como se elas quisessem exibir o que consideram privilégio na experiência do sexo de maneira não convencional. Nessa casa, o controle dos casais somente é feito na entrada.

Nas duas casas há a venda de preservativos. Ao que pude perceber, as pessoas levam seus próprios preservativos e os usam. Os banheiros das duas casas são muito limpos. Em todos os ambientes, havia lixeiras, álcool em gel e papel toalha disponível. Em termos de estrutura, a *Liberté* contém espaços mais diversificados do que a *Échange*. Esta casa também mantém seguranças em todos os andares. As duas casas diferem em função de público. A *Liberté* recebe um público mais,

heterogêneo. Embora seja um lugar para o qual é esperado certo poder de consumo, já que tanto a entrada quando a bebida são caros, entre os frequentadores há tanto jovens quanto pessoas mais velhas, sobretudo homens. Nela também percebi a presença de pessoas negras. A maioria das mulheres são brancas ou pardas, magras e jovens. Nessa casa, o sexo é realmente explícito. As pessoas que fazem sexo não demonstram nenhum pudor por serem observadas e se posicionam em locais que facilitam a observação.

Já *Échange* possui um público mais homogêneo. Em diversas vezes que visitei o lugar eu era a única mulher negra. O público é constituído majoritariamente por jovens, brancos e magros. Quando o assunto é sexo, as pessoas nessa casa são mais reservadas, talvez pelos ambientes mais escuros e menos locais dedicados a experiências coletivas. Nessa casa, uma cena comum é a de casais que mantem relações e que começam a ser cercados por observadores, homens à frente que seguram as mãos de suas parceiras, às suas costas. Quando um casal mantém relações, os homens que observam tocam a mulher que está na cama. Há aqueles que usam as mãos de suas parceiras para tocar quem pratica o ato sexual. Algumas mulheres rechaçam o toque e alguns casais interrompem o ato por conta das intervenções. A questão econômica parece explicar a homogeneidade ou heterogeneidade dos públicos nas duas casas.

Ao contrário do que as casas de *swinging* indicam, quem as frequenta não se resume a casais. Ao longo das visitas, foi possível perceber que o número de pessoas que andam de mãos dadas tem diminuído. Isso seria um fato aleatório, mas em conversa com um casal frequente à *Échange*, mencionaram o fato de que homens desacompanhados contratam prostitutas para acompanhá-los. Após entrarem como casal, essas pessoas se separam e, ao sair, não precisam estar juntos. Essa é uma informação importante para que se compreenda que se os homens podem contratar profissionais para entrar naqueles ambientes, não havendo controle na saída, que este é um ambiente bem menos regulado do que parece e claramente voltado para o público masculino.

Sobre o público das casas, uma questão foi percebida, não por meio das observações, mas por leituras de relatos de *swingers* na internet. Em um desses relatos, um homem, casado com uma mulher trans, afirmou que as duas casas de *swinging* em Belo Horizonte são as únicas no país que não admitem a entrada de mulher transgênero, denúncia registrada no site Reclame Aqui. Ao conversar com

o gerente da *Échange* BH, ele ouviu que as casas eram voltadas para casais heteronormativos, o que, a seu ver, não se tratava de preconceito. Isso sugere outra pista para a investigação: a de que a heterossexualidade nesses ambientes é compulsória, o que demonstra os limites da ideia de “ambiente sexualmente livre”, reiterando os argumentos de Luibhéid (1998).

4. Por dentro das casas

O discurso em torno da liberdade sexual plena é amplamente difundido, o que comparece tanto nas informações divulgadas pela casa tanto pelos relatos de participantes. Ocorre que estar nesta esfera e se comportar “livremente” não é automático. Por isso, as casas especializadas possuem verdadeiras cartilhas introdutórias para que as pessoas se familiarizem com o ambiente de sexo explícito. Justamente por isso, a primeira visita foi precedida de leitura, a fim de reunir minimamente informações sobre o que era a experiência e como eu poderia me comportar. Apesar de que tanto a *Liberté Club* quanto a *Échange* BH possuam programação toda semana, é comum criarem eventos temáticos que possam estimular a fantasia. Para o sábado daquele ano, a decoração da *Liberté* fez alusão ao dia das bruxas. De acordo com a casa, as mulheres deveriam se vestir de forma sexy e provocante, com roupas curtas. Nesse dia compareci à *Liberté* acompanhada por um casal de amigos. Usava um vestido azul curto, e salto alto, conforme a recomendação da casa.

Nós nos encaminhamos para a recepção e lá encontramos três seguranças, responsáveis por revistar e liberar a entrada das pessoas. Essas casas controlam o acesso: são permitidos casais e mulheres desacompanhadas. A entrada de homens desacompanhados é permitida, mas há limite em média de quatro por noite e geralmente pagam quatro vezes o valor do que é cobrado por casal. Nas duas casas, mulher desacompanhada paga menos que a metade cobrada a um casal. Isso sugere que a presença feminina é estimulada nesses ambientes, o que está de acordo com as posições de vários autores, como por exemplo Viwatpanich (2010), que se trata de um ambiente voltado para a realização de desejos masculinos, com consequente controle da sexualidade feminina (Wagner, 2009; Baumeister & Twenge, 2002).

Logo na entrada, recebi uma fita verde fluorescente, diferente dos meus amigos, que nada receberam, além de uma comanda. O primeiro ambiente acessível após

o corredor de entrada é uma pista de dança ao meio, entre o palco e, ao fundo, o bar. A luz baixa e intermitente conferia movimento mesmo aos corpos inertes. No palco diversas atrações entretinham as pessoas à volta, incluindo, *polidance*, dança do ventre e *strippers*. Esses, após a exibição que os leva a completa nudez, primeiro de um homem e depois de uma mulher, interagem com as pessoas que assistem. Alguns são levados ao palco e simulam ato sexual. Entre aqueles que observam, estão casais e algumas pessoas sozinhas, tanto homens quanto mulheres.

Nas duas casas há ambientes distintos. Na *Liberté*, a pista de dança precede um ambiente composto por mesas e cadeiras e um bar, para momentos de conversa. Em uma das visitas, observei um grupo grande, aproximadamente 10 pessoas que conversavam animadamente. De repente, uma mulher se levanta, retira o short e exhibe seu corpo, como forma de reforçar o que estava compartilhando com o grupo. Ao contrário do que comumente se pensa, o *dresscode* não é a nudez. As próprias casas indicam o voyeurismo para que as pessoas possam se familiarizar e se desinibir naquele ambiente. A nudez nas casas ocorre mais ou menos de forma planejada por ambientes. Nos espaços de *performance*, a maioria das pessoas está vestida, confirmando os achados de Silvério (2014a; 2015b).

5. Lugares onde se pode fazer (quase) tudo

O *swinging* enquanto prática está centrada na troca de casais, o que torna o momento da abordagem de outro casal o momento decisivo para haver ou não a experiência. Em todas as 25 visitas, observei atentamente como isso ocorria, afinal estão em jogo os desejos de quatro pessoas distintas. As abordagens são realizadas pelos homens, que negociam a troca de suas companheiras. Em caso de comum acordo, os dois casais se deslocam para um lugar mais reservado ou permanecem ali mesmo.

No momento da abordagem, é esperado que as mulheres sejam consultadas por seus parceiros. Porém, um episódio ocorrido na *Liberté* durante a quarta visita mostrou o contrário. Na sala coletiva, um casal que interagira entre si, foi abordado por outro. A mulher foi tocada por alguém alheio ao casal. Tratava-se de um homem, acompanhado, interessado em trocar. Os homens concordaram, mas uma das mulheres não estava de acordo. Nesse momento seu companheiro levantou a voz se exaltando, na intenção de que ela mudasse de opinião. Na sala, que é ampla e que no momento continha muitos casais, de repente, se ouviu gritos de outros

homens tais como “não sabe brincar não desce para o play” e “ajoelhou agora tem que rezar”, reforçando o apoio ao companheiro da mulher contrária. Logo ela começou a chorar e os quatro abandonaram esse ambiente.

Tive a oportunidade de conversar com esse casal. João e Maria, casados há dois anos. João relatou que era antigo frequentador da casa, já havia se casado diversas vezes e a todas as esposas propunha o *swinging*. Para ele, ser *swinger* é um estilo de vida, com *ethos* próprio, em que amor e sexo são experiências dissociadas. Porém a posição de sua esposa, Maria, era amplamente distinta. Em diversos momentos ela embasava sua motivação na vontade de seu companheiro. Segundo ela, cansou de ter relações de pessoas que teve repulsa, mas estava feliz por satisfazer os desejos de João. O episódio por mim presenciado, e a conversa posterior, reforçam um ambiente desenhado para satisfazer os homens. Das mulheres que ali circulam, embora sejam consultadas por seus companheiros, é esperado que consintam quando eles assim o quiserem. Isso reforça não apenas o poder do macho no ato sexual, quanto a submissão feminina como ingrediente de uma estereotipada e desgastada configuração de relacionamento heterossexual, sugerindo um ambiente bem mais conservador do que o apregoado.

Nem sempre as interações são mediadas por homens e isso ocorre em duas situações específicas. A primeira delas ocorre quando uma mulher desacompanhada desperta interesse em alguém. Como são marcadas por uma pulseira de uma cor fluorescente, são facilmente identificadas. A abordagem a essas mulheres não possui fase de negociação, uma vez que os homens se sentem à vontade para lhes tocar livremente, como seios, glúteos e pernas, mesmo sem conversa anterior. Não reagir ao toque é o sinal de que mulher está disposta a ficar com o homem. Ao reagir negativamente ao toque, a ação é interrompida.

Outra situação em que a abordagem não é feita por homens é quando uma mulher deseja ficar com outra. Nesse caso, a abordagem é distinta: as mulheres conversam antes e possuem reservas com relação ao toque ao corpo alheio. Durante as 25 visitas, foi possível perceber que relações homossexuais ocorrem unicamente entre mulheres. Sejam sozinhas ou em casais, mas sempre entre mulheres. Aliás, essa é uma situação amplamente desejada pelos homens que frequentam ambas as casas. De forma distinta, em nenhuma das visitas houve qualquer cena de homossexualidade masculina. Mesmo quando eles dividem quartos minúsculos, quem se tocam e quem os tocam são as mulheres. Isso

também ficou visível durante as performances dos *strippers*, nas quais também não há toque entre homens. Após ficarem nus, eles passam a interagir com as pessoas que assistem, sempre abordando mulheres: eles as escolhem, seguram suas mãos e as passam em seu corpo, já que a maioria delas não os toca de forma voluntária.

O protagonismo dos homens na abordagem a um casal e a situações de exceção reforçaram a ideia de que este se trata de um ambiente paradoxalmente conservador, fortemente machista e no qual as mulheres possuem um papel secundário. O peso da decisão masculina também comparece em Bartell (1970). As mulheres desacompanhadas são supostamente tomadas como disponíveis, como se estivessem ali para compor o quadro de “oferta” aos homens ali presentes à medida que estão nas casas. É como se abrissem mão do livre arbítrio e tivessem de se sujeitar a múltiplas relações sexuais apenas para satisfação masculina. No caso das mulheres que se interessam por outras mulheres, elas o fazem sob o signo da espetacularização, cercadas de olhares e toques masculinos que se satisfazem ao ver suas fantasias realizadas. Essa noção pode ser reforçada em Silvério (2014a), já que ela conceitua o swinging como prática realizada por casais heterossexuais, em experiência de troca de parceiros de forma consentida e acompanhada.

6. Os não-ditos do *swinging*

Os diários de campo permitiram a confecção de um rico quadro de referência não apenas para descrever com densidade o contexto das duas casas de swinging pesquisadas, como para compreender uma série de aspectos explícitos e implícitos do *swinging*, o que será feito nessa seção. A primeira coisa que salta aos olhos é que o *swinging* enquanto prática social pode ser considerada uma transgressão que é socialmente tolerada por guardar relação com o perfil socioeconômico dos frequentadores. Assim, não se trata de “qualquer pessoa” um *swinger*. As casas se localizam em endereços aos quais só se chega de automóvel, e o valor da entrada é significativo mesmo no clube mais popular. Como as bebidas são usadas como fatores de desinibição por quase todos, esses programas são bastante proibitivos para a maioria das pessoas.

Sob o argumento de privacidade e discrição, o que se observa é que se trata de um contexto que abriga uma prática sexual que pode ser considerada dissidente, mas

à medida que por ela se possa pagar. Trata-se de pessoas que podem ser caracterizadas como pagantes por sexo, especialmente os homens, que em alguns casos podem entrar sozinhos desde que paguem quatro vezes o valor que um casal paga para entrar. Há uma relação objetiva com o consumo, e isso é explícito, como já mencionado, no espaço, na disposição dos móveis, na iluminação, na oferta de preservativos etc. Ainda que se possa argumentar que os laços desenvolvidos naquele contexto podem se estender para fora dali, com a prática de *swinging*, por exemplo, na residência dos casais, há uma aura de provocação e de sensualidade nessas casas que favorecem que ali se concentrem as práticas. Além do mais, se o objetivo é manter a privacidade, levar casais para casa, onde pode haver parentes, pode explicitar aquilo que se deseja preservar.

A questão da classe social assim, se destaca nessa prática uma vez que mesmo na *Liberté*, o ambiente mais heterogêneo não consegue esconder que se trata de um local frequentado majoritariamente por pessoas brancas, de classe média, e dispostas a pagar por prazeres sexuais, perfil que coincide com os relatados por Bartell (1970) e Silvério (2014a). Sendo mediada por relações de consumo, a transgressão ao padrão social vigente recebe eufemismos, que procuram amenizar o preconceito ao mesmo tempo em que estabelecem certa naturalidade na convivência com o mesmo *status*, pessoas com interesses semelhantes naquele contexto, uma comunidade que produz a si própria enquanto dissidência sexual e segregação social.

A transgressão é outro ponto que se destaca, pois se trata de um aspecto sob um paradoxal controle. Ela é sem dúvida associada ao risco. Risco de ameaçar a moral hegemônica para uma vida a dois e ver a união estável ruir. Risco de envolvimento afetivo com os desconhecidos com quem se faz sexo. Risco de decepcionar por apresentar uma *performance* sexual risível. Risco de não corresponder às expectativas de “liberdade”. Risco de contração de infecções sexualmente transmissíveis. Esses aspectos, discutidos em profundidade por Van Campenhoudt (2008) e por Gagnon (2004) de alguma forma se relacionam à própria experiência em si: é arriscado por diversos motivos abrir mão de uma vida baunilha (termo usado pelos *swingers* para designar uma vida sexual “normal”), mas exatamente por isso, o investimento compensa o prazer. É como se, simultaneamente, desafiar a moral, ameaçar a sacralidade do casamento cristão, ver estranhos fazendo sexo,

ter prazer de formas variadas compensasse todas as limitações cotidianas, uma espécie de preço simbólico pela aludida liberdade.

Quanto à liberdade, ela merece considerações em particular. Quando no título desse texto perguntamos “liberdade para quem?”, provocamos os leitores em meio a uma prática que se apresenta como fora dos padrões. De maneira inequívoca, ao se mostrar como uma ruptura, o *swinging* se mostra como uma espécie de válvula de escape para todas as pressões que homens e mulheres sofrem na sociedade, o que se estende às suas vidas sexuais. Olhando mais de perto, nos deparamos com um contexto que as mulheres são continuamente desejadas e valorizadas à medida que podem inclusive decidir como será a relação sexual e se ela acontecerá. As observações nos mostraram outro cenário.

Confirmando os estudos de Silvério (2014a; 2014b), Oliveira e Pocahy (2015), Viwatpanich (2010) e Von Der Weid (2009), pudemos constatar que esse é um ambiente concebido e voltado para a satisfação masculina. Há vários indicadores disso, desde os preços mais baixos para proporcionar que mulheres desacompanhadas ingressem com mais facilidade, o uso de pulseiras fluorescentes por elas para facilitar sua identificação, a abordagem a outros casais, quando homens negociam suas mulheres uns com os outros, e a pressionam para aceitar suas decisões, as vistas grossas para casais formados por homens solteiros e prostitutas que se separam ao entrar nas casas etc.

Em um episódio, uma mulher se aproximou, e ficou protegida do meu lado direito, do olhar de quem entrava no banheiro. Eu retocava a maquiagem me fitando no espelho e não pude deixar de perceber que ela retirou algo da bolsa. Minha indiscrição foi percebida e ela procurou se explicar, para minha surpresa. Ela me confidenciou que o marido frequentava a casa há muitos anos e que ela o acompanhava, mas que tinha profunda repulsa do lugar. Sentia-se suja por se sentir à disposição de homens pelos quais não sentia atração, mas que faz isso para satisfazer os desejos de seu marido em relacionar-se com outras mulheres. A forma que ela encontrou de lidar com isso, foi a de se drogar logo no início da noite, no banheiro. Embriagada pelas sensações químicas, quase poderia se livrar de seus dramas, ao menos naquele momento.

O feminino é imprescindível, mas secundário; orbita ao redor de um mundo falocêntrico e explicitamente comprometido com o que os homens ali desejarem. Em outras palavras, as mulheres são livres para fazer o que seus parceiros

quiserem, isto é, livre até o limite por eles permitido (Luibhéid, 1998) – o que não significa liberdade em absoluto. Por mais que lidemos com um contexto polifônico e plural, e que generalizações não possam ser feitas, há indicadores concretos de favorecimento masculino em todo o contexto do *swinging*.

A aludida liberdade sexual é uma estratégia discursiva usada com ponto de partida para Von der Weid (2010). Ela conclui que a liberdade buscada pelos *swingers* é somente a de cunho sexual, em que o casal se mantém unido por vínculos afetivos, mas não como parceiros sexuais exclusivos. Para ela, tais relações seriam uma espécie de adultério consentido, caracterizada por “poligamia sexual”, com a preservação de uma “monogamia amorosa”. Em Von Der Weid (2009), a autora destrincha essa discussão apontando como o masculino e o feminino experimentam o *swinging* de maneira distinta, alertando para possibilidades e limites em ser “livre”.

A liberdade – ou a ausência dela – também se estende aos homens em alguns aspectos. Ser livre não significa poder andar nu pelos corredores à procura de sexo. Há regras que circunscrevem a dita liberdade dos participantes. Como Lubianco (2017) denuncia, há um contexto praticamente explícito de binarismo de gênero, algo quase biológico, naqueles ambientes. Isso faz com que haja proibições expressivas e bastante conservadoras, sendo a principal delas a censura a toda e qualquer iniciativa relacionada à bissexualidade masculina. Como Frank (2008), não temos dúvida de que é da possibilidade de homofobia que falamos aqui. Essa questão se relaciona à heteronormatividade e os caminhos pelos quais ela se reafirma, mesmo que de forma aparentemente mais “liberal”. Desses homens, que precisam ser satisfeitos a todo custo, exige-se que sejam compulsoriamente heterossexuais e que tenham uma *performance* de macho, de garanhão e, tal como animais no cio, possam “cobrir” quantas fêmeas puderem, demonstrando aos demais sua virilidade e vigor. O sexo é feito, assim, para satisfazê-los e, ao mesmo tempo estimular uma competição com outros homens por scores sexuais, o que reforça que feminino é periférico e efetivamente submisso (Von der Weid, 2009).

Há um marcador concreto interessante para essa discussão: as pulseiras fluorescentes atribuídas a mulheres desacompanhadas. Elas assinalam “mulheres sem dono”, portanto “disponíveis” para abordagem mais direta. Considerando uma sociedade patriarcal e machista, a liberdade aludida possui gênero. Pode estar presente nos enunciados uma pretensa igualdade, mas não significa que a mulher

e o homem adeptos do *swinging* estão em posições simétricas. Todas as observações atestam diferenças expressivas entre o masculino e feminino. O homem, que já é construído socialmente em torno de uma noção de masculinidade que lhe confere plenitude de ação, principalmente no aspecto sexual, encontra no *swinging* mais uma alternativa da experimentação, mesmo após o enlace matrimonial ocidental, no qual é prevista a monogamia. Para a mulher, a realidade é distinta e isso é perceptível por meio do comportamento comedido e, na maior parte das vezes, submetido às vontades, fantasias e desejos do homem. Estar em um ambiente liberal não significa, necessariamente, que essas mulheres tenham superado a concepção que subordina e limita o prazer feminino. Ao contrário, estar em um ambiente onde a liberdade sexual masculina é ampliada, para determinadas mulheres pode significar intensificação dos processos de submissão. Parte desse processo está presente na situação de João e Maria, em que ela relata se contentar em satisfazer os desejos e fantasias do seu marido, mesmo que isso signifique manter relações sexuais sob repulsa.

Isso leva a outra contradição do *swinging*, a de ser voltada para casais heteronormativos (Silvério, 2014a), mas a bissexualidade feminina não ser somente aceita, mas também amplamente desejada. Essa contradição se liga ao fato de que, a liberdade possui como parâmetro o desejo do homem heteronormativo, cultivado por valores conservadores e machistas. Isso também explicaria porque em um ambiente aparentemente liberal, não serem aceitas pessoas transgêneros, debate ausente em Von der Weid (2010) e Silvério (2014a). A partir da denúncia de Lubianco (2017), é possível traçar relações entre a liberdade anunciada versus as liberdades vivenciadas. Ao contrário do que é anunciado, os valores e preconceitos se fazem presentes nas casas e são acionados para definir os limites da liberdade. Isso coloca em questão até se a bissexualidade feminina presente nas casas de *swinging* é realmente motivada pelo desejo das mulheres ou se é a expressão da submissão de corpos femininos em favor do desejo do homem.

Essa não se trata de uma questão simples, evidentemente. As mulheres não são marionetes sem vida e expressão esperando para que seus titereiros lhes confirmem vida; mas é plausível supor que, como elas se inserem em um jogo que histórica, social e politicamente foi configurado e é cotidianamente reforçado para favorecer aos homens, por mais que se esforcem para assumir as rédeas da situação com as suas *performances*, o contexto lhes condena a um papel subordinado. O

patriarcado atua como um referencial concreto de submissão mesmo quando aparentemente não faz parte do jogo.

Houve, porém, a observação de alguns episódios que podem ser um indício de que algumas mulheres conseguem constituir práticas muito singulares às dinâmicas mais comuns percebidas nesses espaços. Essas observações foram feitas na *Échange*, e tratava-se de cenas protagonizadas por uma mulher em uma cama coletiva interagindo com diversos homens. Essa cena pode ser associada a poliandria. Em estudo sobre sociedades primitivas Engels (2007) verificou que as famílias não eram monogâmicas, sendo que os homens praticavam a poligamia e as mulheres a poliandria. Nessa situação os filhos eram responsabilidade de todo o grupo. Por meio do autor, é possível conceber tal prática como a relação de uma mulher com mais de um homem, o que representa uma tensão aos ideais de organização social pautados no patriarcado. Essa associação ainda não havia sido feita considerando os autores consultados.

7. Considerações finais

Nosso intuito inicial neste texto foi discutir a liberdade sexual na prática do *swinging*, o que foi feito mediante uma etnografia em casas localizadas em Belo Horizonte, uma cidade brasileira. Em meio a muitas visitas, pudemos não apenas identificar seu funcionamento não apenas enquanto negócio, mas enquanto prática social. Homens e mulheres se inserem em uma verdadeira cadeia produtiva da sexualidade, na qual o consumo econômico e a adesão às regras constituem elementos de inclusão em um grupo sexualmente dissidente. Muitos aspectos foram discutidos, mas gostaríamos de apontar duas contribuições que nos parecem particularmente relevantes do estudo.

A primeira contribuição do texto se refere à necessária humanização do olhar do pesquisador. Uma temática como essa pode, em princípio, predispor a repelir ou a atrair, dependendo de vários aspectos. Como pesquisadores, pensamos que o motor da ciência é a possibilidade de manter acesa a curiosidade, e em todos os sentidos. Isso requer de nós uma abertura contínua para perceber nossas próprias limitações quanto ao que somos capazes de enxergar no mundo que nos cerca, o que implica abandonarmos preconceitos e moralismo quanto ao que se apresenta para nós como possibilidade de investigação. Não acreditamos em neutralidade do pesquisador e tampouco em objetividade do conhecimento. O que conhecemos do

mundo se dá em razão de quem somos e como podemos apreender as complexas relações em que estamos imersos. Por isso, salvos as infrações legais e que penalizam outras pessoas, não cabe a nós pensar sobre o que os outros fazem das suas vidas a partir das nossas próprias regras e práticas: isso é inútil porque as pessoas continuarão a viver as suas vidas da forma que julgarem melhor com ou sem a nossa opinião.

Isso posto, ter podido realizar um estudo sobre esse tema, e tendo acesso a essas pessoas e sua dinâmica social foi enriquecedor porque nos fez tensionar nossas próprias existências de pesquisadores à luz de quem somos – ou de quem deixamos de ser – enquanto membros da sociedade. Se nos pareceu que as pessoas não tinham vergonha em buscar e demonstrar prazer, por que isso deve ser julgado pelos nossos olhos, uma vez que sequer tínhamos a capacidade de compreender do que eles falavam, de fato? A observação levou a diversos momentos de impasse, uma vez que não tínhamos como prever algumas situações pelas quais a pesquisadora passou. Mas encaramos isso nesse momento como um processo que foi necessário inclusive ao nosso próprio amadurecimento. Não dá para passar por uma pesquisa como essa sem nada mudar como sujeito.

Nesse sentido, a etnografia se mostrou grande aliada de todo o processo. Uma vez que ela está mais para abordagem epistêmica do que para técnica metodológica, ela nos permitiu analisar continuamente nossas posições relativas ao que tínhamos diante dos nossos olhos. De espanto e curiosidade, passamos por etapas de assimilar novidades, de nos acostumar com os contextos, de reconhecer algumas pessoas e com elas interagir, de nos envolvermos com seus dramas pessoais, e de procurar entendê-las, em sua humanidade, no infinito das diferenças humanas. “Diferentes”, não são os outros: somos todos nós. Poder observar sem julgar, descrever sem caricaturar e analisar sem condenar foi para nós um aprendizado intenso, que reforçou nosso compromisso com um conhecimento acadêmico a serviço da sociedade.

A segunda contribuição se refere à liberdade, um aspecto central no apelo dos *swingers*. Em tese, permite que se viva o que se deseja, e não o que a sociedade impõe. O estudo demonstrou que a sociedade que circunscreve as existências está muito mais presente nos clubes de *swinging* do que se pode reconhecer em um primeiro momento. A posse de recursos econômicos para acessar esses ambientes e a heterossexualidade masculina compulsória são elementos

virtualmente universais. Ainda que haja diferenças, a heteronormatividade se vale da perspectiva de “macho provedor” como um dos seus pilares. O mesmo se observa, de uma forma diferente – mas semelhante – no contexto liberal do *swinging*: contanto que se possa (pagar para) estar aqui e que se seja “macho” o suficiente, as portas estão abertas. O que está ali está para ser apreciado, conquistado e consumido por esses homens, que, como em sociedade, mais uma vez são atendidos no que desejam para si.

Quando perguntamos “liberdade para quem?”, isso sugere que há um direcionamento das vantagens de ser livre para os homens, definitivamente não para as mulheres. Elas podem se valer de um contexto de maior liberdade, no sentido de fazer sexo com vários homens que não o seu parceiro, mas somente à medida que ele próprio tiver interesse em manter relações com outra mulher, uma lógica que a submete, direta ou indiretamente, ao seu mando. Mesmo nas ocasiões em que elas desejam outras mulheres, são olhares masculinos que apreciam a sua sexualidade; são mãos masculinas que as tocam e que acompanham, com o olhar, sua livre expressão sexual. Não se trata de minimizar a agência das mulheres, em absoluto; mas de destacar que há fatores estruturais que inserem o feminino em um lugar periférico e submetido ao masculino. E mesmo em ambiente supostamente livre, de uma forma ou de outra a ordem social aparece – e prevalece – desejemos isso, ou não.

Como sugestão de estudos futuros, gostaríamos de indicar investigações dos significados e sentidos atribuídos pelos praticantes, por meio de suas narrativas, à noção de liberdade. A diferenciação sobre as diferenças de percepção a partir da perspectivas entre homens e mulheres pode contribuir para a compreensão do fenômeno do ponto de vista teórico.

Referências

- Bartell, G. D. (1970). Group sex among the mid-Americans. *The Journal of Sex Research* (6), 113-130. <https://doi.org/10.1080/00224497009550655>
- Baumeister, R. F. y Twenge, J. M. (2002). Cultural suppression of female sexuality. *Review of General Psychology*, (6), 166-203. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.6.2.166>
- Bergstrand, C., y Williams, B. (2000). Today's alternative marriage styles: the case of swingers. En *Electronic Journal of Human Sexuality*, 3. Consultado en: <http://www.ejhs.org/volume3/swing/body.htm>
- Buunk, B. P., y van Driel, B. (1989). *Alternative Lifestyles and Relationships*. Sage.
- Carroll, J. L. (2010). *Sexuality now: embracing diversity* (3a ed). Wadsworth.

- Cole, C. L., y Spaniard, G. B. (1974). Comarital mate-sharing and family stability. *The Journal of Sex Research*, (10), 21-31. <https://doi.org/10.1080/00224497409550822>
- Colomina, B. (Ed.) (1992). *Sexuality & space*. Princeton Architectural Press.
- Corrêa, S., Petchesky, R., y Parker, R. (2008). *Sexuality, health and human rights*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203894170>
- Devides, M. B. C. (2020). Variáveis associadas ao ciúme: um estudo de revisão bibliográfica. En O. M. Rodrigues Jr., C. Zeglio, V. L. Vacari, & G. E. Levatti (Orgs.), *Estudos em sexualidade: volume 2* (pp. 237-272). InPaSex.
- Diniz, M. Z. (2020). A prática de swing entre casais heterossexuais: uma revisão de literatura. En O. M. Rodrigues Jr., C. Zeglio, V. L. Vacari, y G. E. Levatti (Orgs.). *Estudos em sexualidade*. Vol. 2 (pp. 317-336). InPaSex.
- Engels, F. (2007). *El origen de la familia, la propiedad privada y el estado*. Luxemburg.
- Escamila, R. (2015). History of swinging. En *Limité Magazine*. Consultado en: <http://limitemagazine.com/2009/04/history-of-swinging/>
- Fassin, D., y Memmi, D. (Dirs.). (2004). *Le gouvernement des corps*. Éditions de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.1478>
- Frank, K. (2008). 'Not gay, but not homophobic': male sexuality and homophobia in the 'lifestyle'. *Sexualities* (11), 435-454. <https://doi.org/10.1177/1363460708091743>
- Gagnon, J. (2004). *An interpretation of desire: essays in the study of sexuality*. University of Chicago Press.
- Herzog, D. (2011). *Sexuality in Europe: a twentieth-century history*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511997075>
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., y Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. W. B. Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., y Martin, C. E. (1953). *Sexual behavior in the human female*. W. B. Saunders.
- Knopp, L. (1995). Sexuality and urban space: a framework for analysis. En D. Bell y G. Valentine (Eds.), *Mapping desire: geographies of sexuality* (pp. 136-146). Routledge.
- Lassiter, L. E. (2005). *The Chicago guide to collaborative ethnography*. Chicago University Press. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226467016.001.0001>
- Lubianco, G. (2017). Preconceito e discriminação em casa de swing. En *Reclame Aqui*. Consultado en: https://www.reclameaqui.com.br/swing-club-bh_193144/preconceito-e-discriminacao-em-casa-de-swing_KNmXJQYPrK6_XORA/
- Luibhéid, E. (1998). *Entry denied: controlling sexuality at the border*. University of Minnesota Press.
- Okami, P. (2002). Dear diary: a useful but imperfect method. En M. W. Wiederman, y B. E. Whitley, Jr. (Eds), *Handbook for conducting research on human sexuality* (pp. 195-208). Lawrence Erlbaum.
- Oliveira, A. M. A., y Pocahy, F. A. (2015). Eu, tu, ele(s), ela(s): cartografando heteroconjugualidades na prática do swing. *Fractal: Revista de Psicologia*, (27), 228-237. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1482>
- Salem press (2011). *Exploring human sexuality*. Salem Press.
- Scheeren, P., Apellániz, I. A., y Wagner, A. (2018). Marital infidelity: the experience of men and women. *Trends in Psychology*, (26), 355-369. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-14>
- Silvério, M. (2014a). Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Etnográfica* (18), 551-574. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3820>
- Silvério, M. (2014b). Gênero, sexualidade e swing: a resignificação de valores através da troca de casais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, (18), 111-139. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.18.07.a>
- Van Campenhoudt, L. (2008). Approche relationnelle du risque et de la transgression dans les relations sexuelles En: Y. Cartuyvels (Dir.), *Les ambivalences du risque: regards croisés en sciences sociales* (pp. 269-280). Presses de l'Université Saint-Louis. <https://doi.org/10.4000/books.puosl.3525>

- Viwatpanich, K. (2010). Swinging: extramarital sexuality in Thai society. *Anthropological Notebooks*, (16), 57-70.
- Von Der Weid, O. (2009). Masculino e feminino na prática do swing. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, (3), 106-129.
- Von Der Weid, O. (2010). Swing, o adultério consentido. *Estudos Feministas* (18), 789-810. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300009>
- Von Der Weid, O. (2012). A prática do swing e a dimensão do prazer. *Temáticas* (20), 1-32. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v20i40.11427>
- Wagner, B. (2009). Becoming a sexual being: overcoming constraints on female sexuality. *Sexualities* (12), 289-311. <https://doi.org/10.1177/1363460709103892>
- Weeks, J. (1985). *Sexuality and its discontents meanings, myths & modern sexualities*. Routledge.
- Westheimer, R. K. (2004). *Human sexuality: a psychosocial perspective* (2a ed). Lippincott Williams & Wilkins.
- Woods, G. (1995). Fantasy islands: popular topographies of marooned masculinity. En D. Bell, y G. Valentine (Eds.), *Mapping desire: geographies of sexuality* (pp. 115-135). Routledge